ANO 1.° LISBOA--QUARTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 1921 N.° 191

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

NO dia 18 de outubro passado, apareceu no *Diario do Governo* um decreto — o n.° 7.746, que proibiu que em Lisboa fosse posto á venda vinho de pasto com graduação inferior a 11 graus.

Além de estabelecer os meios de fiscalisação, fixa as penalidades a aplicar aos contraventores que vão desde a apreensão de todo o vinho existente no estabelecimento até ao encerramento deste e prisão do respetivo dono.

Quem faz de juiz?

O proprio ministro da agricultura.

Como exemplo de respeito pela divisão dos poderes do Estado, que é a chave da nossa organisação politica, não conhecemos nada de melhor.

* * *

INFORMA o «Seculo»:

«Não se confirma a saida da G. N. R. do capitão-medico sr. dr. Costa Ferreira.»

Deve ser absolutamente exacta esta informação. O sr. dr. Costa Ferreira que ao regime tem prestado serviços tão importantes quanto desinteressados não podia ser excluido da G. N. R. por simples incompatibilidades politicas que, não tendo na sua essencia valor algum, muito menos ainda conseguiram pesar no espirito dos oficiais comandantes duma corporação que sempre deve andar alheiada das escaramuças partidarias.

* * *

NAS minas de Broken Hill, Rhodesia, descobriu-se um craneo fossil que os antropologos declaram proximo parente do que Dubois achou em Trinil, na ilha de Java, e que foi classificado como revelando a autentica existencia do *pithecantropus erectus*.

Se fôr uma verdadeira descoberta e não um *bluff*, fica a sciencia na posse de dois craneos incompletos dum misterioso antepassado nosso que de macaco se veio fazendo homem. Quizessem os sabios demonstrar a reciproca —como de homem se passa a macaco, e os exemplares seriam aos milhares.

* * *

COMEÇAM as eleições a ser prato do dia. Os apetites despertam. Cavalheiros que haviam emudecido, depois da noite tragica, pensam já no circulo que os há-de eleger. A resurreição dos mortos vai operar-se por intermedio das urnas.

* * *

OS telefones do *Diario de Lisboa* ha uma porção de dias que emudeceram. São dois aparelhos tristes, lutuosos, que aguardam o porvir, como duas viuvas uma esperança de casamento.

Não sabemos, quando voltarão a funcionar. Este segredo guarda-o a companhia para si. Outro tanto não faz ela a certos boatos que anunciam já novos encargos para os assinantes.

* * *

EMQUANTO a conferencia de Washington aborda o problema do Pacifico, sob um bando de pombas os estaleiros americanos trabalham dia e noite, sob nma nuvem de corvos.

Quem chegará primeiro ao fim?

* * *

MUITOS cidadãos andam armados de pistola para se fazerem respeitar. Esta precaução mostra que a liberdade, entre nós, tem estos de fera. E garras. E dentes.

A NORMALIDADE ECONOMICA

Dizem-nos que o sr. ministro da Agricultura dirigiu aos moageiros um questionario, a fim de saber se estes se encontram na disposição de se encarregar do fornecimento de pão nas actuais condições de preço e tipo, melhorado na sua qualidade, aliviando-se assim o Estado da obrigação de o adquirir e do encargo pesadissimo de o entregar ás fabricas, na proporção da sua quota de rateio, por preço bastante inferior ao da aquisição.

Parece que a resposta é favoravel aos seus propositos, sendo até por causa disso que nos jornais veiu já a noticia de que o sr. dr. Antão de Carvalho espera, principalmente com esta medida, fazer economias na importancia de 30:000 contos.

Como já varias vezes sustentámos, achamos que é tempo de o Estado limitar a sua acção no campo economico, reconduzindo-nos gradualmente ao regime de comercio livre, mas com garantias para o consumidor que se encontrará ainda por bastante tempo exposto a explorações, senão a latrocinios.

A frota mercante, que tão mal aproveitada tem sido, deve o sr. ministro do Comercio tratar, o mais rapidamente que lhe seja possivel, de a entregar a qualquer empresa constituida ou a constituir, a fim de que ela seja um elemento da nossa prosperidade e não um factor de ruina.

A guerra forçou o Estado a fazer-se comerciante, industrial e quasi agricultor, mercê das terriveis circunstancias em que se encontraram os mercados, quer nacionais, quer estrangeiros. Tanto em Portugal como nos outros paises este alargamento de funções estadoais foi uma fonte de desperdicios e de embaraços para a produção. Reconhece-se que não pode durar mais esta situação anomala. Todos os povos, á maneira que vão restaurando as suas forças produtoras, reinstauram a normalidade economica, retirando entraves ás iniciativas dos particulares. Estas, realmente nada ganham com a intervenção oficial que as comprime e sufoca. Só os aambarcadores medram e prosperam.

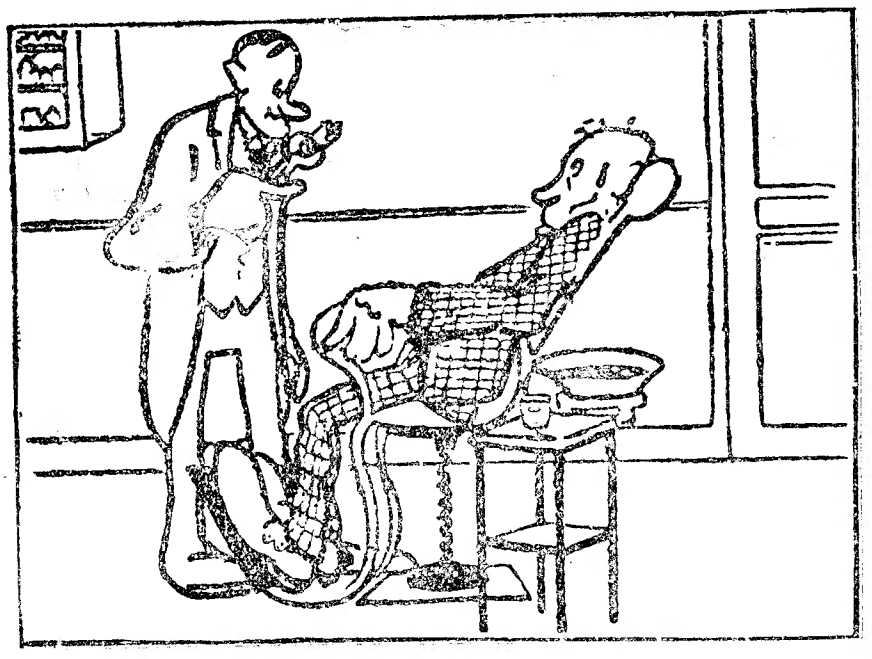
Como compradores de trigo, os nossos governos têm sido duma infelicidade a toda a prova. O tesouro publico perdeu centenas de milhares de contos. Os carregamentos faziam-se sempre á ultima hora, com onerosissimas condições de preço, má qualidade do cereal e transportes caros e irregulares.

Quantas e quantas vezes nós não estivemos em risco de passar sem pão porque não chegavam os barcos que o conduziam para o nosso porto ou porque escasseavam os capitais para o seu pagamento aos vendedores!

Que potrêas nós tivemos de comer!

Ainda agora, segundo nos informam, se encontra no Tejo um carregamento de trigo com tão fraco peso especifico que pouco mais dará que farelo. O pão que dele se fabricar não pode deixar de ser de mau aspecto e pessimo sabor, sem qualidades alimenticias. Que o sr. ministro da Agricultura nos liberte para sempre de *alternativas* desta especie, que são um perigo para à saude publica.

Dentista consciencioso



—E' talvez melhor tirar todos os dentes que lhe restam, porque dentro em pouco vou aumentar o preço das extracções.

O SR. Moreira de Sá, distincto director do Conservatorio de Musica do Porto, escreve-nos a proposito duma entrevista publicada no *Diario de Lisboa* em que se dizia que o nome de Jorge de Montemor não foi citado até hoje entre nós como musico.

No seu livro «Historia da Musica» referiu-se a ele o sr. Moreira de Sá nos seguintes termos:

«O berço andaluz de Infantas traz á memoria um ilustre portugués, Gregorio Silvestre de Mesa, poeta e organista afamado da catedral de Granada. Nasceu em Lisboa em 1520. Outro ilustre patricio nosso, seu contemporaneo, Jorge de Monte-Mayor, organista notavel, compositor meritoso e literato eminente.

Nasceu em Montemór-o-Velho. Foi, *na qualidade de cantor*, para Espanha em 1542 no sequito da infanta D. Maria de Portugal, primeira mulher de Filipe II. As suas obras posticas são todas escritas em castelhano; entre ellas nota-se a deliciosa pastoral «Diana Enamorada».

Monte-Mayor, que acompanhou o rei de Espanha nas suas viagens, morreu em Turim em 1562.»

* * *

RESULTA de varias entrevistas, publicadas no *Seculo* e *Imprensa da Manhã*, que os individuos presos como implicados nos crimes da noite tragica não se reputam criminosos, mas vitimas da sua fé na Republica.

Teremos então de procurar os culpados da sua inocencia?

Onde será a caverna do crime?

* * *

NÃO é verdade, como dizia hoje um jornal da manhã, qae os oficiais da guarda republicana irradiados dos partidos reconstituinte e democratico em virtude do ultimo movimento revolucionario, pensem em fundar um centro republicano o que seria contra o principio da disciplina.

* * *

DURANTE muito tempo, defendeu-se o principio da dissolução parlamentar, para evitar revoluções—dizia-se. Agora já aparece quem o condene, pelo mesmo motivo. Parece-nos que o dito principio deve ser aplicado não ao parlamento, mas sim ás revoluções.

Estas é que carecem de ser dissolvidas.

* * *

JOAQUIM Leitão foi eleito socio, por unanimidade, da Academia de Sciencias de Lisboa. Jornalista e escritor, a sua obra impõe-se por meritos reais. *O Varra Carrelas*, novela regionalista, caiu no agrado do publico que esgotou a primeira edição. Joaquim Leitão, que vai lançar-se no teatro com um drama — *Os Cegos*, tem prontos para publicação outros trabalhos como *A Cruz de guerra* e *Corpos e Almas*.

* * *

DIZ-NOS o engenheiro sr. Salvador Viegas que não teve nenhuma scena de pugilato com o sr. Artur Mendes, actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Foi inesperadamente agredido por este sr. quando se encontrava no gabinete do ministro do comercio.

COISAS DE ARTE

O que valem as obras de Arte portuguesa que existem no museu "Victoria and Albert" de Londres

"Todos os portugueses que pizem a terra inglesa devem fazer-lhe uma visita"

O "Diario de Lisboa" entrevista o sr. Luiz Keil, conservador do Museu de Arte Antiga

—«A rico não devas e a pobre não prometas», diz um velho rifão...

—E como o prometido é devido...

—... cá estamos á espera do cumprimento da promessa, que os leitores do *Diario de Lisboa* esperam com todo o interesse.

—Mas com todo o gosto, meu caro amigo, retorquiu amavelmente o sr. Luís Keil, convidando-nos a entrar para uma das salas da sua casa de Lisboa, que é por si só um verdadeiro museu.

—Prometi falar-lhe do «Victoria and Albert», mais conhecido pelo «Kensington Museum». E este interessa-nos particularmente. Pelas obras de arte que o ligam ao nosso país, é digno de ser visitado por quantos portugueses pizem a terra inglesa.

—E' muito grande?

—Enorme. Fundado em 1852, tem sido sucessivamente alterado e acrescentado. E' hoje um imenso edificio com sub-solos e 3 andares, galerias, «halls» esplendidos, etc., tudo servido por um aperfeiçoado sistema de elevadores.

—Como estão ordenados os objectos expostos?

—Por uma sábia divisão em secções de arquitectura e escultura; ceramica, vidros e esmaltes; gravuras e livros ilustrados; desenhos e pinturas; obras de metal; tecidos; mobiliario. A classificação é feita segundo a materia empregada, historia, epoca e origem dos objectos. Cada secção é dirigida por um conservador e assistentes, estando a direcção suprema na mão dum director geral, sir Cecil Smith, um sabio de reputação europeia. Este aprova, de acordo com o «trustee» do Museu, as compras e encorporações feitas pelas diversas secções.

—De todas elas quais lhe despertaram maior interesse?

—Como pode supôr, todos me interessaram; mas devo destacar as de ceramica, notabilissima, escultura, tecidos e obras de metal, onde devo assinalar a ourivesaria, joalharia e os ferros forjados.

—Como expõem os tecidos?

—Em caixilhos de vidro, sobre estantes rotativas, de fórma que o vizitante pode ver o verso e anverso; e junto de cada peça está uma descrição tecnica e historica, com o esquema da urdidura e processo da tecelagem —e isto em salas consecutivas, desde os tecidos do antigo Egypto, contemporaneos dos Faraós e das Piramides, até aos relativamente modernos. E que maravilhas! Brocados medievais, duma sumptuosidade pesada, veludos e damascos maravilhosos da Renascença... E que preciosa colecção de fatos e costumes, calçado e acessorios da «toilette» masculina e feminina desde o seculo XV!

—E indumentaria religiosa?

—E' abundantissima, mas adquirida quasi toda fóra de Inglaterra, visto que no começo do século XVI, como sabe, a Reforma religiosa fez desaparecer a riquissima paramentaria bordada que devia existir... Muita dela emigrou: cá temos em Portugal alguns valiosos exemplares—o pontifical vermelho da Sé de Portalegre, quasi completo, uma casula em Mértola, e um paramento verde em Ponta-Delgada. São todos de proveniencia inglesa dos fins do século XV.

—Continue, meu caro amigo, que me está interessando profundamente...

—Passemos agora á tapeçaria. Lá vi uma porção dos nossos «arraiolos», classificados como espanhois! O caso explica-se em parte. Quando em 60 e tal o critico de arte Robinson, encarregado de adquirir objectos para o Kensington Museum esteve em Portugal e Espanha, levou de ambos os paises tapetes, que na remessa foram misturados. Lá confundiram-nos com os espanhois, que são muito semelhantes.

—Até nisso nos confundem...

—Eu é que não deixei passar em julgado essa confusão e muito delicadamente reivindiquei para nós o que nos pertencia. E com prazer registo que nalguns se apressaram a tomar a rectificação na devida conta. Que é que v. quere? Pois se as nossas genuinas «almendras», ou colchas de linho bordado, estavam todas catalogadas como trabalho indo-português! Pobres mulheres de Castelo Branco, que nunca pensaram em ir á India! E já que lhe falo do Oriente, sempre lhe direi que os tapetes persas são lá ás duzias, e alguns verdadeiras maravilhas, como o da mesquita de Ardabil, datado de 1540. E a colecção de bordados e rendas?

Luis Keil susteve-se um momento, para levar aos labios uma chavena de perfumado chá. Eu, enlevado a ouvi-lo, esquecera-me da minha. Imitei-o, incitando-o a prosseguir:

—Que mais? que mais?

—Agora direi, muito sumariamente, da cerâmica, que acho superior, em quantidade, á do museu de Dresde, uma das mais completas colecções da Europa. A série de louças Orientais! Que sonho das Mil e uma Noites, a aluvião irizada de pratos da Persia, de Damasco, da Siria e de Rodes! E' uma girandola de côres e de tons, desde o vermelho sangue e de rubi, até ao azul opalino das faianças de Sultanabad... E os hispano-mouriscos, de reflexos metálicos, faiscantes de brilho! Lá vi—e com que orgulho!—uma grande taça de Valença tendo pintada uma nau com as quinas portuguesas nas vélas. Seria acaso fabricada para o nosso infante D. Pedro, que foi proclamado rei de Aragão?

E o ilustre conservador do Museu de Arte Antiga fixava em nós a sua pupila azul penetrante.

—E' uma hipotese aceitavel...

—Depois—continuou—as majolicas, numa bela harmonia de tons quentes; pratos de Gubbio e Caffagiolo; peças de Urbino e Deruta; series de porcelanas deslumbrantes, em tamanha quantidade, que encheria muitos numeros do seu jornal só a falar nelas...

—E portuguesas?

—Olhe, por exemplo, tres lindos pratos conhecidos por «aranhões», mas classificados como do seculo XVI; dois «canudos», um deles seguramente falso, e um bom prato com o brasão dos Silvas. Tudo isto doação de Crawford, antigo consul inglês no Porto.

—E de mobiliario?

—Excelentemente apresentado, adoptando-se o sistema, muito em uso, de reconstituir com moveis e acessorios as habitações de varias epocas. Belos moveis ingleses dos seculos XV a XVIII enchem muitas salas do museu. Lá estavam uns bufetes e umas cadeiras de sola portuguesas do seculo XVII, e alguns moveis do tipo indo-português.

Não me deterei a falar-lhe dos moveis franceses e espanhois, nem da escultura, que está numerosamente representada... Dir-lhe-ei, porém, duas palavras da ourivesaria, que é importantissima. Ourivesaria religiosa do seculo X e seguintes—custodias e calices de oiro e prata esmaltados, cofres com placas de marfim, capas de evangeliarios, gemas preciosas, cruzes, baculos—que sei eu! Ha tambem soberbos exemplares de ourivesaria profana, inglesa sobretudo, a qual está classificada por datas em cada região. Classificação de resto facil de fazer, pois, como talvez v. ignore, a ourivesaria inglesa tem a curiosa particularidade de estar marcada desde o seculo XIV, de tal forma que rapidamente se conhece o ano e local do fabrico da peça, e, desde o seculo XVI, tambem o fabricante. Quasi todas as nações europeias estão representadas.

—Visto isso, tambem nós...

—Lá temos duas custodias, um porta-paz, um bom calice do seculo XV, salvas da Renascença e do seculo XVII, e designadamente uma bandeja, com marca que suponho de Lisboa, dos fins do seculo XV.

—E joias?

—Ah, meu amigo, que preciosissimas, que formosissimas coisas! Só lhe falo das portuguesas: brincos, broches. rosicléres de oiro com diamantes e pregadeiras de minas-novas. Ainda nossas, temos na secção moderna—ourivesaria comparada—uma colecção de joias de oiro, populares, do Minho. Mas dos outros paises, saliento como mais curiosas as da Hungria, da Russia e da Scandinavia.

Há ainda colecções de relogios, caixas de rapé, frascos de sais, e uma importantissima colecção de aneis—de papas, bispos, reis, nobres, guerreiros, medicos, juizes, etc. Há-os da Renascença italiana, com pequeninas caixas para retratos, ou receptaculos para perfumes e para venenos violentos; outros cabalisticos e supersticiosos; muitos de segredo; outros com simbolos religiosos ou de diversas artes e oficios... Um sem numero de minusculas maravilhas!

Quereria ainda alongar-me sobre o que o engenho do homem pode fazer do ferro forjado, trabalhando-o como os ourives trabalham o ouro. Chega o ferro a ser um metal precioso!

Para concluir, falar-lhe-hei da livraria, que é esplendida, possuindo mais de 150 mil volumes, referentes na sua maioria a assuntos de arte. Isto, além dos livros antigos, manuscritos e iluminados, de milhares de desenhos e gravuras, e de um arquivo de 200 mil fotografias de obras de arte e monumentos de todos os países.

—Não vão por lá os copistas, como na National Gallery?

—Se há! Muitas salas de estudo e atelieres de copia em cada secção. Mas ali os copistas são mais praticos, e de tudo tiram proveito. Eu vi até crianças copiando costumes antigos, e adultos aproveitando motivos de ornamentação de mobiliario, ourivesaria, tecidos, ferros, etc. E como em Inglaterra não se perde o tempo—*times is money*—há dentro do proprio Museu um optimo restaurante onde os visitantes e os estudiosos podem fazer as suas refeições.

—Não há doações ao Museu?

—Muitas, mas especialmente as colecções Jones, Murray e sobretudo a Salting. Foram legadas pelos seus possuidores, que juntaram ao legado alguns milhares de libras para sua manutenção e conservação. E, para final, sabe um costume curioso? Há uma galeria espaçosa e clara destinada a exposições temporarias e aos *loans*.

—Quê é isso de *loans?*

—São colecções especiais emprestadas pelos possuidores, para figurarem no Museu por prasos determinados. Quando agora lá estive, havia, entre outras, exposta uma colecção de objectos de toucador ingleses do seculo XVIII, outra de botões e outra de colheres muito interessante.

«E basta, meu amigo...

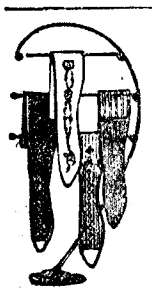
—Já?

—Se lhe parece! Creio que tem com que entreter os leitores de meia duzia de «Diarios»... De resto, diz o ditado que «quem quere mais, vai a sua casa»...

E nós, despedindo-nos:

—Quem nos dera que em nossa casa encontrassemos uma parcela só de tantas preciosidades!

C. M.



LOJA DAS MEIAS
ROCIO--1
Recebeu de Paris:
Vestidos, Casacos,
Blusas
Malha, Echarpes
Meias de seda preto e côres a 7:500

FURUNCULOS
Diabetes, doenças da pele e dos intestinos
curam-se com fermento d'uvas
Formosinho
Farmacia Formosinho
Praça dos Restauradores, 18
LISBOA

BACALHAU PORTUGUÊS
Pedidos á
Sociedade Comercio Nacional, L.da
59--Rua Nova do Almada, 1.º
Telegramas: Almanova -- Tel. C. 3190
LISBOA

Adelino Padesca
(da Faculdade de Medicina e dos hospitais)
Consultorio: — **Avenida da Liberdade, 138,** Telefone 137-C.

COLISEU DOS RECREIOS
Telef. C. 4196
O melhor, mais barato e mais artistico espectaculo de Lisboa
HOJE -- ás 20,45 (8 3/4) -- HOJE
ESTREIA
: : dos notaveis reis da audacia : :
Trio Nors Bert Ty's
Grande novidade em Lisboa
A HELICE HUMANA
A mais completa
e a mais variada
COMPANHIA DE CIRCO
Espectaculo todas as noites

ARMAZENS DE PARIS, L.DA
Alfaiates mercadores para Homens e Senhoras em Tailleur
SOBRETUDOS, CAPAS Á ALENTEJANA, CASACOS PARA SENHORA
Uniformes militares — Especialidade em Estilos a Rigor — Completo sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras vindas directamente dos Fabricantes
Enviam-se amostras para a provincia PREÇOS SEM COMPETENCIA
217, R. DOS FANQUEIROS, 219 (2.º Quarteirão vindo da Praça da Figueira), Telefone C. 3427 --- LISBOA

NACIONAL Telefone C. 2049
HOJE
RECITA DA MODA
A peça historica de D. João da Camara
D. AFONSO VI
Primoroso desempenho Grande aparato

POLITEAMA
Telef. C. 1028 A's 21,30
Empreza LUIZ PEREIRA
Companhia LUCILIA SIMÕES sob a direcção de LUCINDA SIMÕES.
ÁMANHÃ, 17 — 1.ª representação em 3.ª recita de assinatura para reaparição de
LUCILIA SIMÕES
da peça de OSCAR WILDE, tradução de Alice Laurence
Uma mulher sem importancia
Orquestra Sinfonica de Lisboa
Domingo, 20—2.º concerto de assinatura, sob a regencia do MAESTRO FERNANDES FÃO.

GATO POR LEBRE
QUADRO A'maneira de APOLO A'maneira de NERVO
:: Cozinha á Portuguesa ::

Eden Teatro
Empresa Henrique Barreiros, Limitada
Companhia Nascimento Fernandes
2 Sessões--ás 8,30 e 10,30
A revista de sucesso sem precedentes!
A única de verdadeiro exito!
A de maior deslumbramento!
PAU DE DOIS BICOS
A TODOS os espectadores de quaisquer das sessões são distribuidas senhas que depois de sorteadas dão direito a um fato de graça feito por medida na Alfaiataria Esmeralda, rua da Assunção, 12.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

RECORDANDO...

DA TREVA Á LUZ...

UM LIVRO DE VERSOS DE ANTÓNIO GRANJO

Isto de ver só pelos olhos da cara e pensar com a lingua, é uma miseria! Chega a ser, hoje, já uma indignidade!

A chapada ignorancia dos *sabios* que dirigem isto!... Não são os politicos... E' um erro culpá-los... São tambem um miseravel efeito! As pseudo-*élites* mentais é que são a caveira do burro que encalista tudo isto, não sei já ha quanto tempo...

Ou porco ou touro bravio, é o que consegue fazer do homem essa récua de macacos que para aí pontifica arremedos de... sciencia.

Nem era de esperar que nos dessem outra coisa as universidades servidas por...

Puzeram um dia o Comte de pernas para o ar e desataram a bater com as botas do grande filosofo na cabeça do portuguesinho valente mas ignorante; fizeram uma tal mixordia do positivismo com o materialismo e apodreceram a sociedade portuguesa em tal montureira de conclusões grosseiras, absurdas e ridiculas, que deram á luz do mundo o charco putrido que se está vendo.

E não ha meio! Enchystaram no toucinho, que é como quem diz, na asneira; foram-se ao diccionario da vida, e, onde estava—*Consciencia*—zás—cuspiram, escarraram, piafaram, arranharam, tornaram a cuspir, esfregaram a botifarra e escreveram—*estomago*.

Voltaram-se, com ares de suprema arremetida, para a terra e os céus, e rosnaram: «Então! Não querem lá vêr! *Consciencia*, hein? A *gente bem sabemos* da vigarice! Mas é que não vamos no conto...

«A *sciencia* não sabe dessas coisas . . . Mostre-nos lá a *consciencia* para a *gente a vermos* como se vê um *pepino*... e então... Como querem que haja *acção moral* num país em que a palavra *espirito*, exceptuando o vago e esteril sentido retorico, só conduz á ideia do *vinho* ou á do *bruxedo*?! E todavia . . . o espirito é a eterna realidade permanente sobre as formas transitorias da materia! . . .

.....

Eu sou um impenitente sonhador . . . mesmo quando durmo! . . . Mas tenho um grande desgosto . . . E' raro que a consciencia me registe, ao despertar, a historia dos sonhos da noite . . . Um ou outro sonho . . . lá de ano a ano . . .

Tive agora um, que me ficou em perfeita nitidez.

Era de noite. Noite limpida, frente caída sobre o mar, aqui e alem salpicado de pontos de luz trépula. Luar de alto. Uma encosta cortada a pique sobre o mar, escalvada, nua, dolorosa de esterilidade, feita de morros erguidos ao céo como braços de esqueleto em suplica . . . A ilha de S. Vicente de Cabo Verde, espojada nas ondas, adormecida, quieta, negra, cravada entre espumas brancas.

A coroa da encosta recorta a linha de uma cabeça gigantesca deitada de face para o céo. Chamam-lhe a *Cabeça de Nelson*, por que o perfil recortado lembra o do celebre almirante britanico . . .

Sobre esta cabeça está um bando de marinheiros portugueses. Canta-se á guitarra: Uns, fumando sem treguas, de pé, olhando o mar, pousam os olhos saudosos na direcção em que o roteiro das ondas lhes aponta Portugal. Outros, estendidos, cotovêlo ficado, a mão servindo de encosto á face, olham com lagrimas a mão que harpeja a guitarra, tremula, partilhando da comoção da voz, que ressoa ao mesmo tempo forte e meiga, cantando:

Saudade é sonho que treme,
Saudade é canto que chora
E' como um beijo que geme,
Como um ai que se evapora.

Saudade é goso que doe,
E' pranto que n'alma rola,
E' doçura que nos roe,
Tristeza que nos consola.

Não houve ninguem ainda
Que soubesse definir
Que é essa tristeza infinda,
Que ás vezes nos faz sorrir...

Cala-se a voz. A guitarra solta, sosinha, mais dolorido o harpejo, emquanto o mar atira o dorso das ondas ao sopé do môrro.

A voz retoma o seu canto, mais pausado e triste:

Saudade é como que amar
Alguem qne foge de nós,
E' um como querer cantar
E prender-se-nos a voz,

E' ter o coração cheio
D'espinhos e de desejos,
E' sentir dentro do seio
Um punhal que nos dá beijos.

—Quem seria o *gajo* que fez isso?!—exclama um, erguendo-se...—Parece que adivinhou o que eu sinto cá dentro!!

E batia no peito, suspirando fundo.

—Se soubesse quem era, até lhe dava um abraço! Canta outra vez... essa cousa do punhal...

Mas o outro, sem o ouvir, continuou:

E' dormir sem saber onde,
Chorar sem saber porquê,
Chamar quem não nos responde,
Abraçar quem nos não vê

E' rezar de labios quietos,
E' lembrar d'olhos fechados
Os nossos sonhos dilectos,
Os nossos anos passados...

. . . . . .

Ilumina-se de subito o ceu num delicioso pôr do sol, ao longe, num horizonte rubro sobre as curvas longas e rendilhadas dos montes. Eu e o Granjo, tal como naquele tempo de Dezembro de 1909, em que propagavamos por Chaves *A Alma Nacional*—desciamos num trem aberto á aragem mansa, regressando dum passeio ás linhas fronteiriças.

Eu passava pelos olhos o livro de versos que ele acabara de me oferecer, intitulado *Aguas*. E' um livro de alma. Reçumbra dali qualquer coisa que nos faz quietos e emudecer e como que ficar com o coração suspenso e o pensamento a erguer-se, indefinidamente, num presente que vem de antes de nós e se perde numa imensidade que vai além de todos...

Paginas 73.—*Saudade...*

Começo a ler:

Saudade é sonho que treme...

—Mas... foram estas quadras... Mas foi isto mesmo que eu ouvir cantar ind'agora, ó Granjo!—gritei eu.—São os teus versos... E' a tua *Saudade!*

E vou lendo:

Saudade é como que amar
Alguem que foge de nós...

Volto-me para ele... Ia abraça-lo... Mas... nesse momento... acordo... e na penumbra sombria do quarto... pareceu-me ver ainda a imagem do pobre amigo a desaparecer... a sorrir... com aquele sorriso filho da sua alegria limpida, irisada, como uma gota de orvalho a sorrir ao sol que nasce...

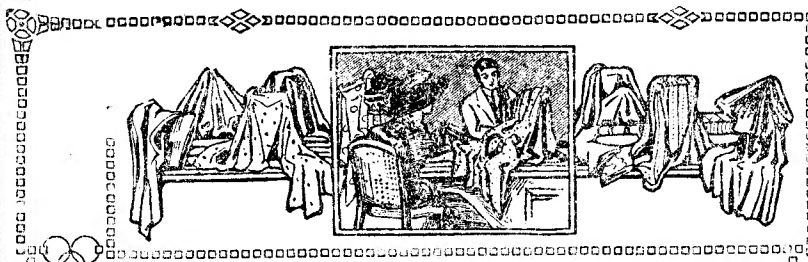
Carlos Babo

TEATRO DE S. CARLOS
Telef. C. 5063
Companhia dramatica
REY COLAÇO - ROBLES MONTEIRO
ÁMANHÃ, Quinta-feira, ás 21 horas, 1.ª representação, nesta época, da peça de Carlos Selvagem
Entre Giestas
que tanto sucesso alcançou
MAGNIFICO DESEMPENHO
ADMIRAVEL CONJUNTO
BREVEMENTE
O REGRESSO
Reaparição da talentosa actriz Angela Pinto

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia Luz Veloso
HOJE
A celebre peça em 3 actos, de Nicodemi,
Migalha
Brilhante enscenação
Scenarios novos
Magnifico desempenho

Está muito aborrecida?
Deite fóra a cocaina
E vá ver ao Avenida
Uma viagem á China

TEATRO SALÃO FOZ
Empreza Artur Emauz
Companhia OTELO DE CARVALHO
de que fazem parte Antonio Gomes (da Trindade), Laura Costa e Julia d'Assunção
Milhares de pessoas têm ido vê-la
Dezenas de milhares anseiam por festejá-la
Todas as noites em duas sessões
BICHINHA GATA...
Revista incomparavel
ÁMANHÃ — Inauguração das
Recitas da Moda


PINTO & DUARTE, L.DA
ABERTURA DA ESTAÇÃO DE INVERNO
Exposição dos últimos modelos de vestidos tailleur, robes et manteaux
TEL. C. 4141 145, RUA DO OURO, 149 e 1.º andar TEL. C. 4141

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Arte e artes

Os jornais têm guardado um estranho e inhospito silencio sobre a exposição de Arte Catalã.

Dedicam duas colunas á Arte de furtar; uma, pelo menos, á arte de matar, a arte do silencio, é faladissima; só a nobre arte de pintar e esculpir, a pobre e grande arte de plasticizar a inquieta quimera humana, a irmã da Bondade, segundo Anatole, a maior das Vontades eternas, *de Balzac, não merece duas linhas além das que manda o protocolo e a nossa fatuidade de país civilizado.*

Nós temos sido, acima de tudo — pouco gentis.

Que diabo! Não se vem a Portugal por prazer. Não nos vizitam pelos nossos lindos olhos, que é como quem diz, pelo nosso lindo ceu.

Vir a Lisboa, neste momento, é mesmo mais do que uma gentileza. E' uma heroicidade!

Os catalães não ignoram os riscos a que se expunham. E só os catalães, com o seu habito de atentados e de bombas teriam neste momento historico a coragem de nos vizitar, para nos falar d'arte.

Devemos-lhes estar por isso reconhecidos, gentilmente, amabilissimamente, como quem ignora o que por cá vai, não espreitando para o interior da casa, para os moveis quebrados, os espelhos partidos, o cheiro a arnica, os catalães vieram-nos falar d'arte, mostrar-nos arte, como se não estivessem num país onde a unica atitude do publico ante pintura é estar-se nas tintas...

Devemos admirar e encomiar os catalães, senão pela qualidade da sua Arte, que, aliás, é excelente, pela quantidade, pelo esforço, pelo espirito de Arte que anima um povo convulsionado, que entende que o seu melhor acto politico é começar a sua independencia, pela arte.

A Arte é entre os catalães uma enorme politica de descentralização. Santo país onde há revolucionarios — em Arte.

Cá há artistas em revoluções.

E quanto a generos d'arte, entre nós cultiva-se cada vez mais e melhor — a sanguinea...

A. de B.

VIDA ARTISTICA

A exposição Augusto Gama

O sr. Augusto Gama, discipulo de José Malhôa, que declara não ser um profissional da Arte—nas palavras que escreveu para acompanhar o catalogo da sua exposição—não contraiu para com ela, segundo diz, responsabilidades que obriguem a não atentar contra as regras da pintura.

Dito isto e uma vez que o pinter não contraiu responsabilidades, que é como quem diz não tem obrigação de fazer melhor, entremos no salão da Bobone.

A exposição, que consta de algumas dezenas de quadros, revela-nos logo um pintor demasiadamente minhoto, com a preocupação do verde, um pintor de tinsas carregadas—um pouco oleografia. Ha aqui e ali uma ou outra qualidade apreciavel na sua obra, uma tela que se vê com agrado, uma arvore bem pintada e, em geral, um ceu azul que é bastante apoteose de revista patriotica.

Citamos dois quadros que têm um certo encanto: *Anoitecer* (Leça do Bailio) e *Na ervilha* (Foz). E sentimos não poder dizer melhor, aguardando outra oportunidade que nos dê ensejo de reconhecer ao sr. Augusto Gama qualidades que, certamente, possue—mas que ainda não revelou.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

AS HORAS GRAVES QUE ESTAMOS VIVENDO

OS SOCIALISTAS E A SITUAÇÃO POLÍTICA

O SR. DR. RAMADA CURTO FAZ AO "DIÁRIO DE LISBOA" UMA CRÍTICA ACERBA Á ACÇÃO DESENVOLVIDA PELOS PARTIDOS DA REPÚBLICA

"Fala-se para aí num movimento reaccionário. Pois, a realizar-se, encontrará os socialistas unidos, como um só homem, para a defeza das liberdades conquistadas"

O partido socialista, o organismo politico de constituição mais remota, tem mantido perante os acontecimentos uma atitude que, talvês por indecisa, ainda não é bem conhecida da opinião publica. Procurámos, pois, o sr. dr. Ramada Curto que, sendo um politico com um passado de republicano categorizado que não é para desdenhar, é tambem considerado no partido como um socialista a quem não falta futuro. O conhecido advogado é destas pessoas que falam claro, podendo pecar pela exuberancia de palavras — o que, neste caso, se resume a um vicio de profissão... — mas nunca por essas reservas com que o jornalista, no exercicio da sua missão, não gosta de se encontrar... Mal lhe dirigimos, pois, uma interrogação baseada no actual momento politico, o sr. dr. Ramada Curto, varias vezes ministro da Republica, ex-filiado de categoria do partido democratico, disse-nos, em palavras de que acentuava mais o sentido, com uma gesticulação e um timbre de voz revelador de um treino parlamentar de certo modo longo:

—Estamos atravessando uma hora de incertesa, desoladora e triste. Eu abençoaria as amarguras dela, se sentisse que era, com as suas tragedias, com as suas violencias e a anarquia dos espiritos, o momento de gestação duma sociedade nova, gerada na dôr e no sangue, como em todas as grandes crises da Historia. Se a finalidade de tudo isto fosse a transformação social, a mais ou menos curto praso, da sociedade portuguesa, as dôres da hora presente eram o preço normal porque a Humanidade pagou sempre os seus avanços. Mas o que se passa em Portugal não tem finalidade. Dizem-me que ha reaccionarios e avançados que seguem, uns e outros, a doutrina do «quanto peor, melhor», esperando uns que isto vá para a *direita*, convencidos outros que isto vai para a esquerda.

«Não creio que haja avançados que assim pensem. Os que eu conheço, de todos os martires, sabem muito bem que não sairá de tudo isto, a *revolução social*, e muitos pensam que é mais provavel que resulte antes uma reacção cesarista, sufocando a democracia, subalternizando a classe civil;—emfim, a peor de todas as demagogias, a demagogia armada.

—A contrapôr a este estado social que anima e impressiona, o que desejaria o doutor que se fizesse?

—Que se estabelecesse o funcionamento normal da democracia, só pela força moral da opinião, sem recorrer á violencia. A violencia gera a violencia. Só é legitima ao serviço de um ideal e no momento decisivo. Que cada um ocupe o seu lugar e que todos sirvam honestamente o seu ideal. E' preciso criar no país uma mentalidade, que ele não tem, e uma moral que lhe falta. E' preciso substituir os instintos pelas ideias. Os homens da Republica eram idealistas de curto folego. Abandonaram as multidões que fizeram a Republica, deixaram-nas na sua treva mental, despresaram-nas nas suas necessidades. A Republica, ou entraria resolutamente pelas reformas sociais ou cairia no *gâchis* radicaleiro, caserneiro, bombista e personalista—na politica do «salvemos a Republica» para alcandorar idiotas no poleiro—e a massa continuar a curtir fomes e miserias agravadas pelas crises revolucionarias. Quando as classes conservadoras pediam pão, jugulavam-nos á valentona—com a tropa. Tinham a tropa, tinham tudo! Ao estado de acordo, de contracto, de negociação, preferiram a brutalidade. Agora aí têm. Alcançaram o desdem popular em regra e feremnos as proprias armas de que se serviam. Por mim e pelo meu partido posso dizer-lhe que estaremos, contra todas as violencias, seja qual fôr o rotulo que tragam—porque todas elas são contra os nossos ideais, visto que não podem estar ao serviço dos mesmos. Se das lutas entre os republicanos resultar que se pretenda fazer pagar as custas aos avançados, estes formarão um bloco para se defenderem.

«Pelo seu lado, o Partido Socialista procurará esclarecer o cáos mental dos espiritos, indicando-lhes as soluções socialistas, levando os governantes a aceita-las, substituindo odios por aspirações, treva mental por idéas—dentro das liberdades duma democracia republicana, que revindicamos, não para matar ninguem, nem deitar bombas, mas para servir as nossas doutrinas. Oxalá que os republicanos aproveitem a licção e não tenham tanto medo do *papão* socialista.

—E os socialistas vão á urna?

—Evidentemente. E deixe-me dizer-lhe que, se não tivermos uma forte corrente eleitoral, a servir-nos depois da nossa atitude nos ultimos acontecimentos, é que o País quere continuar neste *gâchis* de força, em vez de entrar nas lutas pacificas de opinião.

«Repare você nesta tristeza,—que o é mais para o eleitorado do que para nós. O ultimo Parlamento dissolvido, era o unico da Europa e da America onde não havia socialistas,.. Por estas e por outras, é que a democracia tem estado á mercê de todos os ambiciosos, de todos os energumenos—que têm espingardas a que se apoiem. A ninguem menos do que a nós, socialistas, convem a continuação deste estado de coisas. Nós temos que construir a sociedade de ámanhã. Ora ninguem constroe com entulho. A social democracia precisa, para ser um facto, da preexistencia duma democracia burgueza, nos países ocidentais, especialmente. Em Portugal—e num resumo—precisa-se antes de tudo educar moralisar, esclarecer, crear consciencias, iluminar cerebros, fazer, numa palavra, homens. Esta, é a materia prima com a qual se fará o resto.

O jornalista, para ultimar a conversa lembrou os boatos que constituem uma corrente continua de inquietação, de desconfiança. E o sr. dr. Ramada Curto, com a firmeza de sempre, retorquiu:

—Fala-se para aí num movimento reaccionario. Pois, a realisar-se, encontrar-nos-há, a nós, socialistas, unidos como um só homem, para a defeza das liberdades conquistadas!

O "Diario de Lisboa" publica ámanhã uma entrevista com o dr. Mario Garcia da Silva, medico da armada, sobre a atitude que ele tomou perante os acontecimentos de outubro, pedindo o seu afastamento do serviço.

O inquerito aos acontecimentos da noite de 19

Foi nomeado o 2.º tenente sr. Simões Vaz para auxiliar o almirante Silveira Moreno no inquerito aos ultimos acontecimentos.

Coronel Manuel Maria Coelho

O sr. coronel Manuel Maria Coelho conferenciou, hoje, com o sr. ministro da agricultura.

Os Teatros

DUAS NOTÍCIAS INSIDIOSAS?!

O nosso presado colega A Manhã, *pela pena do seu colaborador teatral O. M., que não sabemos quem seja, afirma que «está autorizado a desmentir categoricamente duas noticias publicadas ontem na secção teatral de um jornal da tarde, (não cita o nome do* Diário de Lisboa) *ambas malévolas e insidiosas».*

O actor Eduardo de Freitas, que nos forneceu as duas informações a que o nosso colega se refere, pede-nos que declaremos que da sua insídia *aceita inteira responsabilidade.*

ATRAZ DO REPOSTEIRO

A peça que o dramaturgo Alfredo Cortez está trabalhando e que se intitula «Á' lá Fé!...» (Lenda da Lealdade), tem quatro actos. E' uma obra historica, que estuda a epoca de Sancho II, pondo em confronto a figura de D. Mecia Lopes de Haro e de Martim de Freitas. A peça destina-se á companhia Amelia Rei Colaço-Robles Monteiro.

—Reaparece no sabado, no teatro S. Luiz, na «reprise» da opereta «Duqueza do Bal-Tabarin», a actriz-cantora Aldina de Sousa.

— Realizou-se ontem o ensaio geral da peça «Mulher sem importancia» de Oscar Wilde que depois de ámanhã sobe á scena no teatro Politeama para reaparecimento de Lucilia Simões. A procura de bilhetes para esta recita tem sido enorme tendo havido, segundo nos consta, ofertas de cem e duzentos mil réis por camarotes e frizas.

—A primeira representação do original português «Conselho da noite», do sr. Vitoriano Braga, no teatro Chiado Terrasse, realiza-se na proxima segunda-feira, em segunda recita de assinatura.

—Hoje, o papel de «Rainha do Cinema» na opereta «J. P. C.» será desempenhado, pela primeira vez, pela actriz Honorina, em virtude da actriz-cantora Beatriz Baptista dar entrada no hospital, a fim de ser operada.

—Na proxima terça-feira devem ser inauguradas, no teatro Chiado Terrasse, as recitas da moda, dedicadas á nossa primeira sociedade, representando-se, além da peça «Conselho da noite», a peça num acto, original da sra. D. Maria Izabel de Sousa Martins, intitulada «A prima Rosa quer casar».

—Na opereta «Virgem Rubra», em ensaios no teatro S. Luiz, tomam parte, além dos artistas a que ha dias nos referimos, Sofia Santos, Alfredo de Sousa e Sebastião Ribeiro.

—No proximo domingo realiza-se a inauguração da epoca de inverno no Cinema da Praia, em Cascais, com um belo programa de peliculas.

—Está definitivamente assente a realização de uma «tournée» organizada pelos artistas Emilia de Oliveira e Salvador Costa, adoptando a companhia o nome da primeira. O reportorio definitivo é o seguinte: «Os velhos», «A Severa», «Razão mais forte», «Tia Anastacia» e «O ladrão».

—«Quem tem capa sempre escapa», é o titulo de uma revista que foi entregue a uma empresa teatral.

—«O Tufão», peça que fazia parte do repertorio na época passada do teatro da Trindade, e que estava marcada para Carlos Santos fazer o protagonista, vai ser representado esta época no Nacional.

—Melo Barreto concluiu a tradução da peça «Mamã Colibri».

—Realiza-se brevemente no Eden Teatro uma recita a favor do cofre da Caixa de Pensões dos artistas tauromaquicos. A exemplo do que fizeram os artistas dramaticos, indo tourear ao Campo Pequeno, os artistas tauromaquicos vão representar num teatro...

—Embarcam amanhã para as ilhas e Brasil a companhia Carlos Oliveira, a bordo do vapor «Gil Eanes». O elenco da companhia é o seguinte: Carlos Oliveira, Pita Simões, Augusto de Andrade, Antonio Cardoso, Casimiro Rodrigues, Esmeraldo de Matos, Raul Sargedas, Alfredo dos Santos (ponto) e Gabriela Fernandes, Junia de Oliveira, Marina Simões, Gina Sargedas, Clotilde Xavier e Elisa Matos.

—A actriz Brunilde Judice assim que terminem os espectaculos no teatro Politeama vai ao Porto interpretar o papel de «Luisa» da fita «O Primo Bazilio».

—A companhia Palmira Bastos permanecerá em S. Miguel, Ponta Delgada, até ao Carnaval. Dali seguirá para o Faial, estreando-se no Funchal nos primeiros dias de abril. Este programa foi elaborado de acôrdo com as respectivas empresas e o actor Jorge Grave, que, apesar disso, continuará trabalhando este inverno no Nacional.

RECLAMES

S. Carlos—Hoje não ha espectaculo. A'manhã representa a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro a magnifica peça de Carlos Selvagem «Entre giestas».

Nacional—Em recita da moda, repete-se hoje, o belo e aparantoso original de D. João da Camara, «D. Afonso VI».

Avenida—Luisa Satanela, Raquel de Barros, Maria Santos, Estevão Amarante, Alves da Silva, osé Vitor e João Silva todas as noites dão uma soberba interpertação a já celebre opereta «Uma viagem a China».

Apolo—A'manhã estreia-se um novo quadro da revista «Gato por Lebre».

Coliseu dos Recreios—Estreiam-se hoje os celebres reis da audacia Frio Nors Bert Ty's, que trazem o sensacional numero «A helice humana».

Eden—Teve duas enchentes colossais ontem este teatro. A celebre revista «Pau de dois bicos» sobe hoje novamente á scena com todos os atractivos.

Salão Foz—A peça que maior agrado e alegria desperta no publico, que, para admira-la, enche o teatro, todas as noites, nas duas sessões, é a revista «Bichinha Gata...».

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — **A Cidade** — CRONICAS E ENTREVISTAS

O EXERCITO PORTUGUÊS

Espadas da grande guerra transformadas em canetas de tinta permanente

O EXERCITO E A MARINHA COLABORARAM NO ULTIMO MOVIMENTO?

UMA DEFINIÇÃO DE RUY BARBOSA

TRINDADE COELHO
(Croquis de Jorge Barradas)

O EXERCITO DEVE SER O INTERPRETE DA LEI CONTRA A EXCEPÇÃO

OPINIÃO PUBLICA E FORÇA PUBLICA

Meu amigo—O ilustre oficial do exercito cuja carta o *Diario de Lisboa* de hontem inseriu reivindica para si a primasia da seguinte afirmação, aliás singularmente verdadeira: a afirmação de que o ultimo movimento «não foi, de nenhum modo, um movimento militar.»

Além do sr. capitão Antonio Maia que, por outras palavras, salientou o facto, ao afirmar que a grande maioria do exercito se conservou indiferente ao vigesimo segundo pronunciamento, o mesmo eu repeti num dos artigos que semanalmente escrevo para o *Primeiro de Janeiro.*

Pode o ilustre oficial vir dizer que ha, entre a sua afirmação e as nossas afirmações—a minha e a do sr. capitão Antonio Maia—uma divergencia capital. Não existe, sequer, uma divergencia insignificante.

Porque a compartição de quasi todos os elementos da Guarda Republicana no *19 de Outubro*—e o ilustre oficial será o primeiro a reconhecer a concordancia e a adesão—não significa que o exercito, quer o de terra quer o de mar, colaborasse no ultimo movimento.

O exercito, por consequencia, está safo de culpas, se nós considerarmos como exercito as dispersas unidades divisionarias ás quais a politica subtraiu, por precaução absurda e em holocausto a um corpo militar creado por essa mesma politica (e agora contra ella), todos os meios de defesa, transformando desta forma inumeras espadas da Grande Guerra em canetas de tinta permanente. A Flandres, assim, não foi uma *recompensa de sangue:* foi uma *ante-camara de secretaria.*

Neste ponto, creio eu, estamos todos de acôrdo.

Mas fez-se isto porquê?

***

Fez-se isto precisamente em virtude da formula do ilnstre oficial: «em virtude dos poderes considerarem o exercito como um conjunto de anonimos *consagrados* ao culto do dever». Esta formula rigidamente *mecanica,* mesmo num Estado cujas peças componentes trabalhem todas *de concerto e para o mesmo fim,* é uma formula falsa. E é falsa, porque pretendendo arrancar o exercito á *politica partidaria,* e isso seria um intuitivo dever, cái no exagero tremendo de furtar o exercito á *politica nacional,* o que reputo um crime gravissimo. A' *politica nacional,* ou melhor, á *politica,* que na definição de Ruy Barbosa—*é a expressão mais alta de todo o direito.* Eu não sei o que seja um conjunto de anonimos servindo uma instituição. Todas as instituições—e a militar *y comprise*—valem, marcam, decidem precisamente pela *élite* que as constitue. As *élites,* tanto podem ser as do pensamento como as da espada. As *élites* significam *inteligencia* e *consciencia.* As *élites,* por isso mesmo, não podem ser constituidas por *anonimos:* têm de ser constituidas por *valores.* As *élites* militares estrangeiras já no *avant la guerre* eram conhecidas de todo o mundo. E dentro da familia militar, é a propria função, no exercicio natural e espontaneo das suas virtudes de heroismo, de sensibilidade e de competencia, quem inexoravel, naturalmente se encarrega de destruir esse *anonimato,* anonimato que o ilustre oficial recomenda na primeira coluna da sua carta, para logo na segunda o destruir, quando se refere—ao *cerebro da maquina,* expressão aliás errada e erronea, porque o *cerebro de uma maquina* é a *fôrça estranha* que a impulsiona e dirige. E não é esta a hipotese.

***

A' face do direito politico, e numa democracia sobretudo, o exercicio do poder tem duas garantias: *a nacional,* que é a da *opinião publica,* e a *excepcional,* que é a da *força publica.* Por outras palavras: quando a primeira garantia é violada pelo proprio poder, a *força publica* deve intervir imediatamente. Em nome de quem? Em nome da *opinião publica,* que o exercito tem o direito e o dever de interpretar, de assegurar, de dignificar. O exercito, por isso mesmo, é o mantenedor e o fiscal de uma *unidade* a que os praxistas de direito constitucional dão o nome de *espirito publico,* que nada mais é do que a manifestação exterior do sentimento, da inteligencia e da vontade da *opinião publica.*

Qual tem sido, á face destes principios, o papel, ou melhor o erro do exercito? Tem sido, precisamente, o erro de seguir os *partidos* em vez de interpretar o *país,* isto é, o erro de um *personalismo* que esmagou a virtude do *nacionalismo.* Passe a palavra, pois que eu embirro com ela.

Este erro vitimou a *instituição militar,* que devia ser *organica.* E vitimou-a, começando por *dividi-la* e acabando por *dispersa-la.* Entre estes dois fenomenos — o da divisão e o da dispersão — deram-se os choques reflexos e inevitaveis, não só entre oficiais de ideias politicas opostas, mas entre os oficiais que servem o regime republicano. Como em historia, porém, quando as premissas são certas as conclusões são fatais, a mesma politica que abriu matricula partidaria ao exercito acabou por se voltar contra o exercito. E fê-lo, era dos livros, (por um absurdo que não deixa de ter coherencia, permitam-me o paradoxo) no momento historico em que o exercito se deveria considerar uno, forte, intangivel; quando o exercito regressou das campanhas da França e de Africa, onde se não bateu *pelos partidos* porque se bateu *pela Patria,* onde se não bateu pelas *facções* porque se bateu pela *Nação.*

***

A familia militar só pode ser *mecanica* e *automata* na ferrea obediencia aos principios da disciplina, disciplina que é o seu timbre, que honra, que é o seu orgulho—e que é a garantia suprema do Estado. Fora disto, a *familia militar* tem de ser dirigida por uma *hierarquia* sem sofismas nem concessões e por uma *élite* de *competencia* e de *consciencia.* Tem, acima de tudo, e antes de tudo, de ser a interprete da *opinião nacional.* O ilustre signatario da carta ao *Diario de Lisboa* deve saber que Bonaparte, ao simbolizar a reacção da França contra o terror, o fez através do Egypto, do 18 brumario, do Consulado e de Marengo. E deve saber tambem que a reacção da França foi possivel porque, sobre as violencias caóticas da plébe, mancomunada com o falso apostolado dos dirigentes, *a instituição militar ficou de pé,* e o *espirito militar* «*ce feu vital des armées,* na frase de Vaudal, *s'y était prodigieusement accru*».

Este espirito militar salvou a França. Porquê? Porque *a dominou.* Sobre a charca fratricida do terror, como uma aza pura e fremente, pairaram sempre, safos e intactos, o *panâche* e o orgulho dos exercitos. E' que a Revolução não desmoralisou: exaltou os exercitos.

***

Não: o *espirito militar,* a velha heráldica das familias de armas, não emigrou de Portugal. Palpita ainda, lateja ainda, vibra ainda. E' consolação e é esperança. Esta anarquia moral e mental não lhe apagou os laivos de epopeia. A' grande ferida aberta na alma nacional pelos dramas de 19 de Outubro, continúa chegando, em refrigerio eterno, em balsamo cristão, o marulho das vagas dos Açores, a remota, a espraiada maré alta que para todo o sempre tragou Carvalho de Araujo.

A minha divergencia de opinião, meu querido Joaquim Manso, nem por sombras deixa de ser uma homenagem—pela resposta que tento dar—ao ilustre oficial que subscreve a carta de ontem. Em resumo: não quero um exercito *politico:* quero um *exercito nacional;* não quero uma *maquina:* desejo um *interprete.* O interprete, emfim, da *consciencia publica,* ou por melhores palavras, o interprete da lei contra a excepção, da ordem contra o tripudio, do sentimento contra o instinto, da moral contra a licença. Um exercito maquina; um exercito de obediencia passiva; um exercito indiferente á politica do Estado, que deve ser a da Nação na plenitude dos seus direitos, não forma uma *familia:* forma uma *casta.* Fica portanto á mercê do primeiro explorador de casernas ou de multidões. E este explorador, para me servir da frase de Junqueiro ao aludir a certo simbolo, capaz é de atrair Jesus Cristo só para servir Diogo Alves. E para terminar: é á *força publica* e não á classe dos solicitadores encartados que compete provar o seguinte: que o regime não é incompativel com a ordem publica nem com o codigo penal. Significa isto que o regime está á prova.

Releve-me o espaço roubado e creia-me sempre, seu camarada,

Trindade Coelho

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer(Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 509 Londres—56, Ludgate Hill

CASA CAMPOS (Viuva Campos L.ª)

Casa fundada em 1864

Novas instalações

RUA AUGUSTA, 119 a 123

Grande sortimento de louças e cristais nacionais e estrangeiros. Artigos de fantasia e ménage, chá, café e bolachas.

THE MAGESTIC

RUA DO ARCO DO CEGO, 15-A e 15-B

LISBOA

TELEFONE N-229 TELEGRAMAS ALGODÃO

Ampla garage para recolha de carros. Venda de gasolina, oleos e acessorios.

Oficinas providas das melhores maquinas. Pessoal tecnico competentissimo em todo o genero de reparações.

FABRICAÇÃO ESMERADA DE CARROSSERIES

Fornecem-se orçamentos gratis

LABORATORIO DE FARMACIA
— DO —
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

RHEUMA

(XAROPE PEITORAL)

DE RESULTADOS INFALIVEIS NO TRATAMENTO DE:

AFECÇÕES DOS ORGÃOS RESPIRATORIOS. CONSTIPAÇÕES, BRONQUITES, TOSSES, GRIPES, ETC.

FARMACIAS: R. NOVA DO ALMADA, 88—LISBOA
R. DOS CLERIGOS, 36—PORTO

Banco Nacional Agricola

S. A. R. L.

Séde: Rua de S. Julião, 168 a 190

LISBOA

Convidam-se os Srs. Accionistas que não satisfizeram o pagamento da 2.ª prestação de 25$00 por acção até 31 de Outubro p. p. a efectua-lo com os juros de demora de 6 % ao ano nos termos do art. 12.º dos Estatutos, até 31 de Dezembro p. f.

Pelo Banco Nacional Agricola
A Direcção.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

EM ARMAZEM

Semeadores e cultivadores
Selecionadores de sementes
Acessorios para debulhadoras
TUBOS para caldeira
Injectores e purgadores
Manometros hydraulicos de vapor
Etc., etc., etc.

John M. Sumner & C.ª
SUCESSOR
JOSÉ J. TEIXEIRA
29—Avenida da Liberdade—37
LISBOA

A PRESTAÇÕES

Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á B Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

Julio Rei, Lt.ª

Ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Joalharia, Ourivesaria e Relojoaria
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

GAZOLINA "SHELL"

QUALIDADE SUPERIOR

Preço por caixa.... Esc. 51$00
Preço por litro..... " 1$27

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º LTD

CHARLES H. BLECK-MANAGER

49--R. do Crucifixo — TELEF. C. 5411 E 5412

141--R. de S. Julião--145 — TELEF. C. 5231

DELEGAÇÃO NO PORTO

246--R. MOUSINHO DA SILVEIRA--250

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DO PAÍS VISINHO

Os temporais têm dificultado o avanço das tropas espanholas em Melilla

Uma grande reunião política em casa do conde de Romanones

Os deputados liberais vão intervir na discussão do problema de Marrocos

MADRID, 16

O sr. Maura esteve em despacho com o rei comunicando-lhe que se tinham feito varias operações na região de Melilla, mas que o temporal tinha dificultado o avanço das nossas forças. Confirmou a vinda do general Berenguer a Madrid nos principios da proxima semana.

Os chefes liberais tiveram uma reunião em casa do conde de Romanones, tendo o sr. Alba dito aos jornalistas que se ia tratar de assuntos nacionais de grande interesse para o país, tendo-se resolvido concretizar numa proposta que se ia apresentar ao Congresso, o ponto de vista a que se tivesse chegado. Tambem foi resolvido que os liberais interviessem desde já no debate sobre Marrocos, devendo o conde de Romanones fazer hoje um discurso sobre esse assunto. —(U. P.)

A coluna do general Sanjurjo desfila nas ruas de Melila

MELILLA, 16

A população desta praça recebeu com entusiasmo delirante a coluna Sanjurjo que desfilou pelas ruas de Melilla. Os edificios estavam engalanados. Na vanguarda marchavam os Legionarios e entre eles ia o franciscano padre Revilla que por ter sido ferido nas ultimas operações, montava a cavalo, vestindo o habito da sua ordem e levando o chapeu da Legião estrangeira, tambem marchava com os Legionarios a sua cantineira que tão relevantes serviços prestou na linha de fogo. Após a Legião marchavam os batalhões de Guipuzcoa, Princesa, Toledo, Sevilha, Otumba, o regimento do Lusitania, quatro companhias de engenheiros, uma da administração militar e duas de serviços de saude. Outras forças que fazem parte da coluna não vieram a esta praça por estar guarnecendo posições. O general Cavalcanti presenciou o desfile. — (R.)

Kabilas que se submetem

TETUAN, 16

As esquadrilhas de aviões bombardearam pequenas concentrações de mouros na zona de Xauen. Algumas kabilas pediram para se submeter á Espanha. A coluna do coronel Castro Girona tem feito reconhecimentos todos os dias, sem ter ocorrido qualquer novidade.—(R.)

Contra Abd-el-Krin

MELILLA, 16

Diz-se que em Beni-Said os rebeldes se sublevaram contra Abd-el-Krin travando luta contra os seus partidarios que tiveram mais de vinte mortos.

Os Beniurriaguels depois das ultimas operações regressaram muito maltratados aos seus povoados.—(R.)

"Diario de Lisboa"
Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

O ACORDO FRANCO-TURCO

A FRANÇA ENCONTRA-SE AO LADO DA TURQUIA E A INGLATERRA AO DA GRÉCIA?

A questão do Oriente resolveu-se finalmente apezar do despeito da Inglaterra

O PREDOMÍNIO POLÍTICO DO ORIENTE EQUIVALE AO PREDOMÍNIO COMERCIAL

Depois duma série de dissentimentos mais ou menos graves, entre a Inglaterra e a França, por causa da questão do Oriente, os dissentimentos agravaram-se em virtude do acôrdo anglo-franco, que os ingleses esperavam nunca verem realizado.

A imprensa britanica, indignada, comenta, mais do que asperamente, êsse acôrdo que, concedendo grandes vantagens aos turcos, não as dá menores á França. Tão duros são esses comentarios, que o governo britanico ulgou dever fornecer á imprensa francesa uma nota, por meio da embaixada, na qual limita as criticas que considera justas. E' este um processo singular, o de o governo britanico se dirigir directamente á imprensa estrangeira, fazendo saber, por intermedio do seu representante, que tem unicamente em vista precisar as criticas da opinião; precisando-as, porém, oficialmente e por via da imprensa compreende-se bem que alcança uma propaganda, muito de considerar, a favor da sua tése.

Nós já aqui dissemos que o acordo assinado entre o governo francês e o governo turco havia sido lido por Briand a Lord Curson, em Abril; diz, porêm, a nota britanica que, a esse acordo foram juntas agora clausulas novas que modificam muito a essencia do acordo. A nota inglesa considera que a cessação de guerra entre a França e a Turquia implica o reconhecimento por parte da França, da soberania turca sobre todo o territorio da Turquia, devendo a França dar um tal passo, sem estar de acordo com a Inglaterra.

Responde a França a esta objecção que, se a França reconhecesse a soberania otomana sobre toda a Turquia, deveria existir no tratado uma limitação de fronteiras e um regulamento de estreitos que não existem; quanto á circunstancia de a França não poder fazer a paz isoladamente com qualquer nação, não foi ela quem tomou essa liberdade: a Inglaterra foi a primeira a tratar com os «soviets».

As outras objecções, de menor importancia, são igualmente refutadas pela imprensa francesa. Transcrevemos o final do artigo do *Temps*.

«Só temos mais uma palavra a acrescentar: No dia 31 de outubro, falando das suas negociações com os republicanos irlandeses, Lloyd George, censurando os que pretendiam impedi-lo de tratar com os inimigos da corôa, disse: *Não é a primeira vez que a Gran-Bretanha trata com rebeldes. Não será a primeira vez que, tratando com rebeldes, ela conseguiu obter grandes vantagens para o imperio.* E lord Curzon quereria impedir a França de tratar com Angora?»

Esta frase denuncia claramente quais as verdadeiras razões de divergia que existem entre a Franca e a Inglaterra.

O tratado dá grandes vantagens á França sob todos os pontos de vista, muitos dos quais não tem influencia em qualquer sentido nos interesses ingleses; ha porém uma consequencia imediata que, dando ganho á França, dá perda á Inglaterra, e essa é que não pode ser objecto de reclamações diplomaticas. E' uma questão de interesse e de posição futura.

Esta questão do Orente, na qual a França tem estado sempre pela Turquia e a Inglaterra pela Grecia, á qual forneceu dinheiro e armamento e até soldados, é uma questão de predominio politico no Oriente, para as duas nações da Europa nela interessadas, mas em cujo predominio politico está implicitamente um grande predominio industrial.

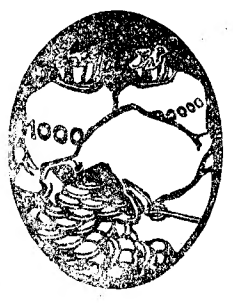
Se a Turquia fosse expulsa da Asia Menor, em virtude da vitoria da Grecia, a Inglaterra, como protectora desta, adquiria vasto poder sobre os estreitos e explorações mineiras de toda a região do Oriente. Se, pelo contrario, a Turquia ganhar, será a França quem guardará essas vantagens.

Assinando este acôrdo, a França firmou a amizade com a Turquia e deu-lhe mais liberdade, que ela utilizará contra os gregos. Entre turcos e gregos está provado que não pode haver uma batalha decisiva. Num dado momento, quando ambos estiverem cansados, a França e a Inglaterra regularão o conflito, defendendo cada qual os seus interesses que podem estar, mais ou menos, com a justiça do povo que cada uma defende e que dependerão tambem da posição vantajosa que cada um dos protegidos ocupar.

Diante disto é facil de avaliar qual o predominio que o acôrdo franco-turco deu á França. Pode hoje afirmar-se, perante ele, que a Turquia não sairá da Asia Menor nem de Angora.

A Inglaterra, que via na vitoria da Grecia o meio de alcançar a exploração dos abundantes jazigos de petroleo da Asia Menor, da Cilicia e até do Mar Negro, finalidade para a qual têm tendido ha dez anos os objectos da sua politica e que tão grande influencia terá no desenvolvimento comercial, usado como está sendo para substituir o carvão, a Inglaglaterra, vê assim perdidas completamente, podemos dizê-lo, as suas esperanças de interesse nessas regiões.

E' esta a razão psrque a Inglaterra reclama; a França, com efeito, resolveu sósinha a questão do Oriente. Não nos parece provavel que esta consinta em modificações que a vão prejudicar.



600:000$00
encontram-se á venda na feliz casa

Para a grande lotaria do **NATAL**, que se realiza a 23 de dezembro, dividida em bilhetes, meios, quartos, decimos, vigesimos e cautelas de Esc. 2$00, 1$00, $50, $30, $20 e $10.

PINA

Temos já á venda bilhetes para todas as lotarias anunciadas pela Misericordia.

Preços—Para revenda os melhores do mercado; para particulares os usuais.

Sortes grandes frequentes
Pedidos a COSTA, LIMITADA
Telefone C. 3486 — 75, Rua de S. Paulo, 77
Telegramas: ALPINA — LISBOA

A CARESTIA DA VIDA

A população de Berlim assalta e saqueia muitas mercearias e padarias

O custo da vida é onze vezes superior ao que era em 1913

Um operário ganha, em média, de 400 a 700 marcos por semana e um pão - custa 7 -

BERLIM, 16

A continua carestia da vida motivada pela depreciação do marco e por outras causas levaram a população pobre desta cidade, a obter pela violencia os alimentos de que necessitam. Os ataques ás mercearias, talhos e padarias começaram de manhã nos suburbios de Berlim. Bandos de homens e mulheres saquearam os estabelecimentos um após outro, até que os lojistas cheios de terror fecharam todos os estabelecimentos de viveres na região sublevada.

Receia-se que estes disturbios alastrem a outras regiões, pois são incitados por comunistas agitadores nas chamadas reuniões dos sem trabalho.

E' oficialmente calculado que o custo de vida é superior em onze vezes e meia ao que era antes da guerra, mas esse aumento é muito superior excepto no preço do pão e nas rendas das casas, devido ao «contrôle» do governo. As rendas foram limitadas a 45 o/o acima do que eram em tempo de paz, de maneira que representam uma verba insignificante no orçamento das donas de casa.

Poderá calcular-se a dificuldade de vida nas classes pobres, sabendo-se que o operario ganha 400 a 700 marcos por semana; e que cada pão custa 7 marcos, a carne 15 a 25 marcos por libra, as batatas que antes da guerra eram o seu principal alimento, custam agora 1 marco cada libra, o leite 5 marcos o litro, o açucar 10 marcos, a manteiga 44 marcos e a margarina 28 marcos.—(R.)

DE ITALIA

O pacto de pacificação de 3 de agosto

MILÃO, 16

Os facisti acusam os seus adversarios de má fé, tendo denunciado por esse motivo o pacto de pacificação que tinham estabelecido em 3 de Agosto. — (R.)

NO PERÚ

Violentos tremores de terra

LIMA (Perú), 16

Continúa a registar-se aqui grande tremores de terra, alguns dos quais têm durado três horas. — (R.)

Mario Machado
Da Escola Dentaria de Paris
Doenças da boca e dentes
CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria José de Borja Trindade Benard Guedes, D. Maria Salomé Correia de Sampaio de Vasconcelos Porto, D. Janet Norton de Alzina e D. Julia Mousinho de Brito.

e os srs.:

D. Vasco Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), dr. João Moreira de Almeida, João de Melo (Cartaxo), Jorge Rebelo da Silva, Ernesto Aguiar de Andrade, Eduardo de Mendonça de Oliveira Belo, Nuno de Vasconcelos, Julio Martins da Costa e Jorge Andresen da Costa.

Casamentos

No mês passado realizou-se o casamento da sr.ª D. Aurora Maria de Sousa, com o sr. Manuel Moreira Rato. Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Maria Luisa Moreira Rato e D. Maria de Lourdes de Sousa e de padrinhos os srs. dr. Antonio Pina Junior e Artur Queirós.

Na «corbeile» via-se grande numero de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento pelo sr. Alberto Mendes Vaz, para seu sobrinho o sr. João Baptista da Cruz, a sr.ª D. Clotilde Nogueira Baptista, gentil filha da sr.ª D. Nazaré Nogueira Baptista Grifo e do sr. João Baptista Grifo,

O casamento realizar-se-há no proximo mês de Janeiro, na Covilhã.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dá «rendez-vous» amanhã no Politeama, segunda recita de assinatura, onde reaparece a notavel actriz D. Lucilia Simões, na peça «Mulher sem importancia», em S. Carlos, «reprise» do original de Carlos Selvagem «Entre Giestas»; no Avenida, recita da moda com a linda opereta «Uma viagem á China»; no Eden e Salão Foz, inauguração das recitas da moda, respectivamente com as chistosas revistas «Pau de dois bicos» e «Bichinha Gata . . .»

A exposição do Rio de Janeiro

Um decreto que regula a lei 1:233

O «Diario do Govêrno» deve publicar por estes dias um decreto regulamentando a lei 1:233 de 30 de Setembro de 1921, a fim de se fixar o sentido rigoroso do art.º 1.º desta lei, a organização da comissão a que se refere o § 1.º do seu artigo 3.º, a melhor participação de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro e meios de facilitar o convivio intelectual entre dois povos. Ocupa-se tambem do trabalho colonial português, sob o ponto de vista industrial, comercial e agricola, e processos de lhe dar a importancia que merece, na nossa secção; desenvolvimento da indústria do turismo entre nós e meios de aproveitar as iniciativas felizes que se congregaram para levar a efeito a feira de Lisboa.

Expedição de malas postais

A'manhã são expedidas malas postais, pelo *Gil Eanes*, para a Madeira e Açores, e pelo *Canadá* para os Açores e Nova York, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral para os dois navios.

Companhia dos Fosforos

A sua direcção cumprimentou hoje o sr. ministro das Finanças

Cumprimentaram hoje o sr. ministro das Finanças a direcção da Companhia dos Fosforos e o comissario do governo junto da Companhia dos Tabacos.

BANCO DE PORTUGAL

Devendo realizar-se na quinta feira, 17 do corrente, o funeral do Ex.mo Sr. Vice-Governador do Banco, dr. Henrique Mateus dos Santos, terminam os serviços de expediente, na parte comercial, ás 12 horas, e os do Tesouro, com autorização superior, ás 12 1|2 horas.

Banco de Portugal, 16 de Novembro de 1921.

Os Directores

J. Loba d'Avila Lima.
Francisco Maria da Costa.

ORDEM PÚBLICA

"Hei-de conseguir restabelecer, sem actos violentos, a disciplina no exército"

DIZ AO "DIÁRIO DE LISBOA" O MINSTRO DA GUERRA SR. PINTO DE MAGALHÃES

O sr. ministro da guerra hoje de madrugada, ao saír da sala do Conselho Colonial, onde se realizou o conselho de ministros, a uma pregunta feita por um redactor do *Diario de Lisboa* ácerca dos desencontrados boatos de alteração de ordem publica, s. ex.ª, sorrindo, disse-nos:

—Não ha nada. Boatos e só boatos para estabelecer uma atmosfera de terror e crear, assim, um vacuo em volta do governo. Não ha nada, pode crer. Representantes dos partidos politicos manifestam já uma atitude diferente do que a principio adoptaram e tudo se modificará, isto é, pelo menos o que me consta, pois quanto a mim nada tenho que vêr com a acção politica do governo. Esta parte é com o sr. presidente do ministerio.

—Diga-me—preguntámos—o que pensa da disciplina do nosso exercito?

—A'parte, um ou outro caso, como consequencia da revolução, tudo vai bem. A disciplina tem que se manter. Tenho já as melhores informações da maioria das divisões. Vou procurar informar-me das restantes, que são só duas.

O sr. Pinto de Magalhães despedindo-se diz ainda:

—Hei de conseguir, sem actos violentos, restabelecer, em absoluto, a disciplina no exercito, convencido que com isso prestarei o melhor serviço á Patria e á Republica.

Antonio Granjo

A sua trasladação

A familia do malogrado presidente agradece ao ministro da Instrução

A camara municipal de Coimbra oferece uma corôa de louros, em bronze, obra primorosa do Arsenal do Exercito, para ser deposta sobre o ataúde do dr. Antonio Granjo. A corôa tem as armas daquela cidade, com o seu colar da Torre e Espada, e a legenda: «Ao insigne estadista, dr. Antonio Granjo, a Camara Municipal de Coimbra—19-X-921».

A familia Granjo escreveu ao vereador sr. Costa Cabral, agradecendo a demonstração de apreço que Coimbra lhe manifestára pedindo para que o cadaver do dr. Granjo demorasse algumas horas naquela cidade, e desculpando-se de não poder atender esse desejo em virtude de ser necessario efectuar a trasladação do cadaver, de Lisboa para Chaves, o mais depressa possivel.

BOLSA DE LISBOA

DIA 16

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	55$000	58$000
£|Londres, cheque	5 1|8	5
» 90 d. v	5 1|4	—
Rio £|Londres	7 11|16	—
£|Paris	$860	$885
£|Itália	$490	$510
£|Bélgica	$825	$850
£|Suiça	2$230	2$290
£|Espanha	1$610	1$670
£|Berlim	$045	$060
£|Holanda	4$120	4$230
£|Nova-York	11$750	12$080
Rio Brasil	$670	$620
T. Desc. Banco de Inglaterra	5	—
» » » » Portugal	7	—
Ágio do ouro	1$100	1$200

COTAÇÕES ESTRANGEIRAS

Madrid	£|Paris	—
»	£|Londres	29.24
»	£|Nova-York	—
»	£|Berlim	295
Paris	£|Londres	—
»	£|Madrid	—
»	£|Genebra	—
»	£|Berlim	—
Londres	£|Paris	54,43
»	£|Roma	95,37 1|2
»	£|Nova-York	3,97 1|2
»	£|Berlim	10,40
»	£|Amsterdam	11,36 1|2
»	£|Genebra	21,00
»	£|Bélgica	56,57
»	£|Austria	—
»	£|Suécia	17,15
»	£|Noruega	28,25

O "Maryland,,

foi metido no fundo

Tinha batido o "record,, de velocidade dos navios do seu tipo

NOVA YORK, 16

Comunicam de Rockland, que o «Superdreadnaugth» *Maryland* estabeleceu um novo *record* de velocidade para os navios do seu tipo, navegando a 22,49 nós á hora. O contracto da sua construção estabelecia a velocidade de 21 nós; a que até agora tinha sido atingida por navios da sua classe era de 21,378 nós. Devido a uma tempestade de neve não foi possivel realizar outras experiencias.—(R.)

NOVA ORLEANS, 16

O paquete francês *Maryland* foi abalroado e afundado pelo vapor japonês *Fukuyou Meru* n'este porto, devido a erro de manobra deste ultimo vapor.—(R).

ALÊM-MAR

A Intendencia dos Bens Inimigos de Moçambique

Foi exonerado de vogal da Intendencia dos Bens Inimigos, em Moçambique, o tenente-coronel sr. Gois Pinto, e nomeado para o substituir o capitão-tenente sr. Moura Brás.

Uma linha ferrea no rio Dande

Vai proceder-se aos estudos duma linha ferrea que, pelo vale do rio Dande, vá desde o Sassa até o mar, incluindo em tal estudo o dum porto de cabotagem na bacia do Dande, Angola.

Caminhos de ferro de Lourenço Marques

Vão ser alargadas as instalações dos caminhos de ferro de Lourenço Marques, tendo sido ordenado que se reserve, para esse fim, uma porção de terreno em Mocamba.

Uma rigorosa sindicancia

Foi mandado proceder a uma rigorosa sindicancia aos actos do procurador administrativo dos negocios sinicos de Macau, sr. Daniel Ferreira Junior.

Agrimensores coloniais

Foi concedida a diuturnidade aos agrimensores auxiliares das colonias.

Marinha colonial

Vão ser reorganizados os serviços da marinha colonial.

Dia politico

Vai ser publicado um decreto nomeando um magistrado, com atribuições de juiz de investigação, para proceder ao inquerito á administração dos T. M. E.

***

Regressam hoje á noite ao Porto os revolucionarios civis que ha dias se acham em Lisboa. Como não concordem com a nomeação do sr. dr. Artur Leitão para o cargo de governador civil vão resolvidos a impedir ou pelo menos perturbar o acto de posse que deve realizar-se amanhã. O governo tomou já as providencias que o caso requere.

***

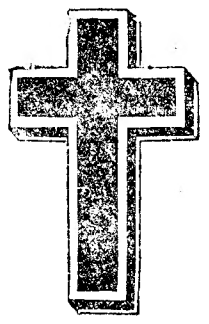
Apesar dos seus esforços, o sr. ministro do Comercio ainda não obteve da administração dos Caminhos de Ferro do Estado um relatorio acerca do descarrilamento do comboio do Algarve — relatorio de que necessita para pôr em pratica certas medidas necessarias e urgentes.

***

Reuniu hoje a Comissão Executiva do Directorio do P. R. P., ocupando-se exclusivamente de assuntos internos do partido.

O caso da Exploração do Porto de Lisboa

A' hora de fecharmos o nosso jornal recebemos uma carta do sr. Afonso de Macedo, inspector dos serviços da Exploração do Porto de Lisboa, a que ámanhã daremos publicidade.



DR. HENRIQUE MATHEUS DOS SANTOS

Vice-Governador do Banco de Portugal

FALECEU

O Conselho Geral do Banco de Portugal participa aos ex.mos srs. accionistas o falecimento do Vice-Governador e Director deste Banco, ex.mo sr. dr. Henrique Matheus dos Santos, e que o seu funeral se hade realizar na quinta-feira, 17 do corrente, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da residencia do finado, rua Alexandre Herculano, 12, 1.°, para o cemiterio ocidental. Pede a suas ex.as a sua comparencia em reconhecimento dos serviços prestados pelo falecido a este estabelecimento.

Abertura da Estação de Inverno E EXPOSIÇÃO DAS

ULTIMAS NOVIDADES ITALIANAS E FRANCESAS ADQUIRIDAS PELO NOSSO DELEGADO ESPECIAL NA

Feira Campionaria de Milão de 1921. Vejam as exposições semanais da

Rua Garrett, 8 a 18 ANTIGA CASA JOSÉ ALEXANDRE, L.DA

TELEFONE CENTRAL 699